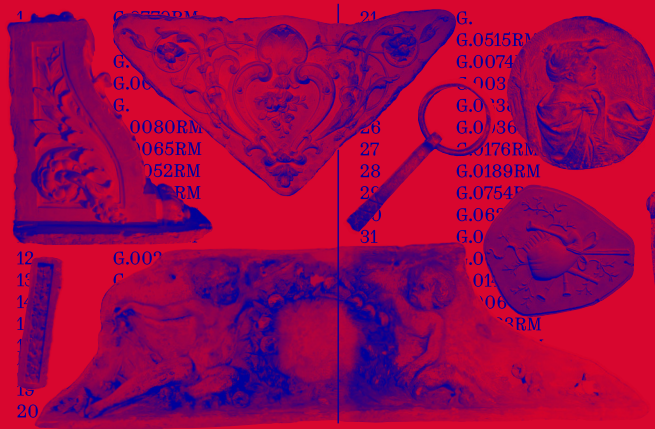


Museu do Porto Banco de Materiais:



Curadoria

Maria Augusta Martins
Rita Roque

Fragmentos da Cidade em Conta Corrente



Palacete dos Viscondes de Balsemão
Praça de Carlos Alberto, n.º 71

ARTISTAS
E FÁBRICAS
PRESENTES
NA EXPOSIÇÃO*

ARTISTAS
Escultor Teixeira Lopes, Pai (1837-1918)
Pintor Francisco Luís Pereira (1891-1961)
Escultor José Rodrigues (1936-2016)
Pintor Henrique Silva (1933)
Pintor João Baptista Ribeiro (1790-1868)

FÁBRICAS/ OFICINAS
Aleluia, Aveiro
Sacavém, Sacavém
Cavaco, Vila Nova de Gaia
Outeiro, Águeda
Carvalhinho, Porto/Vila Nova de Gaia
Oficinas da “Cooperativa Árvore”,
Devesas, Vila Nova de Gaia
Massarelos, Porto
Miragaia, Porto
Santo António do Vale de Piedade
Cavaquinho, Vila Nova de Gaia
Pereira Valente, Vila Nova de Gaia
Louça esmaltagem (placas de seguros e toponímicas)
John Minchin & Mário Navega
Costa Braga & Filhos
Fernandes & Irmão
Oficina de Estuque Avelino Ramos Meira

* A exposição apresenta obras de diversos artistas e fábricas identificados, integrando igualmente materiais cuja autoria e fabrico permanecem desconhecidos.

A PELE DO PORTO, E A AURA DOS FRAGMENTOS

JORGE SOBRADO

*VEREADOR DA CULTURA DA
CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO*

1. Cada cidade assemelha-se a um corpo vivo, com uma renovação celular, segundo ciclos de decadência e regeneração. O Banco de Materiais do Museu do Porto é o depósito da pele da nossa cidade. Uma secreta gruta de Ali Babá do património cenográfico, decorativo e arquitetónico portuense. Esta exposição, no Palacete Viscondes de Balsemão, é o seu «Abre-te Sésamo».

A pele das cidades vai-se escamando, dando origem a sucessivas substituições, e, por essa via, procedendo à alteração da imagem e materialidade do seu edificado. Nessa substituição, emerge o risco da perda e do desaparecimento.

O Banco de Materiais do Museu do Porto é a

reserva dessa pele antiga ou substituída da nossa cidade, segundo critérios de interesse histórico, patrimonial e artístico: de azulejos retirados aos seus edifícios, ou de edifícios que já cá não estão; de estuques decorativos, em que o Porto e o Norte se notabilizaram, desde o século XVIII; de elementos arquitetónicos em ferro, testemunhos da expansão industrial da cidade; de placas toponímicas antigas, com o seu *design* e tipografia; de portas em madeira e seus batentes em ferro, profusamente simbólicos; de painéis artísticos cerâmicos; ou de reclames luminosos e *néons* publicitários, entre outras tipologias..

Cumpre-se aqui um dever de memória da cidade, que à Câmara Municipal cabe especialmente defender; uma missão estética em torno do estudo, preservação e apresentação de formas, técnicas e aplicações artísticas, e seus autores, que marcam ou marcaram a arquitetura e a arte pública do Porto; e uma ética pelo futuro,

através da adoção de práticas de economia circular, como a recuperação e reutilização de materiais.

Dentro de alguns anos, parte destes materiais reencarnará para uma nova vida em salas do Museu do Porto, no Palácio de São Novo. Na eminência da pré-ruína, também esta arquitetura histórica e patrimonial da cidade, situada no seu coração antigo, promete o seu regresso, um novo começo.

2. Reunir os fragmentos de uma cidade reveste-se de uma sensibilidade romântica – nostálgica, cultural, misteriosa.

Um apego ao que está em perda, como talvez só compreendam os colecionadores, os arqueólogos e todos os apaixonados mórbidos. Nas ruínas não reside apenas a própria decadência, a voragem do tempo que tudo devora (*tempus edax rerum*),

mas também a memória e uma lonjura de coisas, usos e sentidos desaparecidos, e das suas infinitas potências de ligação, de sonho e de interpretação. No fragmento mora ainda um todo – ele é a evocação e rememoração desse todo, mantendo-o intocável, à distância. A poderosa aura destes objetos excede a sua função ou utilidade, presente e futura, argumento típico da política pública do património cultural para mascarar tanto a sua própria e frequente depreciação social, como a manifestação de uma paixão mórbida, algo *religiosa (religare)* e, simultaneamente, criadora, em que assenta esta atividade obstinada de recolher, guardar e estudar fragmentos durante décadas. Aos seus praticantes deveria ser-lhes reconhecido esse direito a amar fragmentos de um tempo, infância ou paraíso perdidos, expulsando todos os demais da sua oficina ou escritório.



FRAGMENTOS DA CIDADE EM CONTA CORRENTE

Fragmentos da Cidade em Conta Corrente é o título da exposição que recorre, de forma metafórica, a uma expressão do universo bancário para apresentar uma seleção de peças do Banco de Materiais — projeto pioneiro da Câmara Municipal do Porto, criado com o objetivo de salvaguardar o património arquitetónico e artístico da cidade.

Assente na preservação da identidade material do Porto, o Banco de Materiais dispõe de espaços de depósito no Palacete dos Viscondes de Balsemão e nos armazéns da Rua do Barão de Forrester.

Organizada em duas salas de exposições temporárias, uma atmosfera vermelha, mais noturna, onde somos recebidos por um painel de cerâmica do escultor José Rodrigues, que desenhou uma cidade de corpo inteiro com

múltiplas faces e fachadas encimadas por uma figura que nos leva até Hypnos, ou ainda, as múltiplas formas da cerâmica nas suas mais diversas aplicações e formatos partindo de vários exemplares de azulejos hispano-árabes (séculos XV e XVI), até padrões avulsos dos séculos XVII e XVIII, passando por diferentes matrizes do azulejo padrão e figurativo dos séculos XIX e XX.

Nesta sala encontramos ainda, as marcas da incandescência da cidade, nas suas manifestações noturnas sinalizadas pela sinalética luminosa e pela evolução das placas de toponímia.

A sala azul, por sua vez, de caráter mais atmosférico e suspenso, apresenta uma instalação em forma de *nuvem*, composta por diferentes ornatos em estuque, batentes e outros elementos em ferro e madeira. Este alfabeto de formas e de artes decorativas percorre uma coleção de estuques da Oficina Avelino Ramos Meira e articula-se com a claraboia central, elemento da

arquitetura doméstica que amplia a relação na fronteira entre o mundo interior e o céu.

Em *Fragmentos da Cidade em Conta Corrente* reúnem-se elementos provenientes de diferentes conjuntos de peças que deram entrada no Banco de Materiais ao longo de décadas e que podem ser devolvidos à cidade para integrar novos projetos de reabilitação. As múltiplas linhagens de peças organizam-se segundo uma métrica por vezes fragmentada da memória e da história urbana, outras vezes em séries oriundas de diferentes períodos históricos que marcaram a pele da cidade. No seu conjunto, constituem um manifesto de correntes urbanas e artísticas, revelando um ecossistema e um ciclo que se concretizam através da doação de peças originais, num sistema que articula o depósito em reserva com um serviço público de restituição ao tecido urbano.

Com mais de trinta anos de atividade, o Banco de Materiais assume um papel estruturante

7 na preservação do património edificado do Porto, promovendo, em simultâneo, práticas de economia circular através da recuperação e reutilização de materiais, e contribuindo de forma decisiva para a sustentabilidade ambiental, cultural e urbana da cidade.

A exposição propõe uma leitura formal e cenográfica da cidade, revelando sistemas construtivos e decorativos onde coexistem obras de autoria anónima e peças de artistas como José Rodrigues, Henrique Silva, Teixeira Lopes (pai) e João Baptista Ribeiro.

Estão igualmente representadas peças industriais provenientes de diversas fábricas de cerâmica, entre as quais: Fábrica Aleluia (Aveiro), Fábrica de Sacavém (Sacavém), Fábrica do Cavaco (Vila Nova de Gaia), Fábrica do Outeiro (Águeda), Fábrica do Carvalhinho (Porto/Vila Nova de Gaia), Fábrica das Devesas (Vila Nova de Gaia), Fábrica de Massarelos (Porto), Fábrica de Miragaia (Porto),

Fábrica de Santo António do Vale da Piedade (Vila Nova de Gaia), Fábrica do Cavaquinho (Vila Nova de Gaia), Fábrica Pereira Valente (Vila Nova de Gaia) e Fábrica Sant'Anna (Lisboa), bem como oficinas da Cooperativa Árvore.

A exposição integra ainda produções de fábricas de louça e esmaltagem, nomeadamente placas de seguros e toponímicas, provenientes de casas como John Minchin & Mário Navega, Costa Braga & Filhos, Fernandes & Irmão, e peças em gesso da Oficina de Avelino Ramos Meira.

Maria Augusta Martins
& Rita Roque



O Banco de Materiais constitui um projeto pioneiro da Câmara Municipal do Porto no domínio da salvaguarda do património arquitetónico e artístico da cidade, assumindo como objetivo central a preservação da sua identidade material e o valor histórico e artístico que dá corpo às ruas e à imagem do Porto.

A sua atuação fundamenta-se na recolha, preservação e reutilização de elementos construtivos e ornamentais provenientes do edificado portuense, cuja manutenção se tornou inviável em consequência de processos de transformação, demolição ou ruína. Estes elementos são posteriormente reintegrados no tecido urbano, através da sua aplicação em imóveis em processo de reabilitação, contribuindo para a

restituição da imagem original do edificado e para a continuidade da memória material da cidade.

Criado há mais de três décadas, o Banco de Materiais desenvolveu inicialmente a sua atividade na Casa Tait, vindo a conhecer, em 2010, uma alteração significativa no seu enquadramento institucional e funcional, com a transferência para o Palacete dos Viscondes de Balsemão. Esta mudança traduziu-se na adoção do conceito de reserva visitável, permitindo a abertura ao público do acervo e o reforço da dimensão pedagógica e interpretativa do serviço. Paralelamente, verificou-se o alargamento do seu campo de atuação, passando a integrar de forma sistemática práticas de inventariação, catalogação e disponibilização de materiais, em articulação com processos de gestão urbanística e de reabilitação do património edificado.

O acervo do Banco abrange diversas tipologias de materiais, nomeadamente ferro,

estruque, madeira, pedra e cerâmica. Entre estas, os azulejos de fachada assumem particular relevância, tanto pela expressividade quantitativa e diversidade formal, como pelo seu papel estruturante na definição da identidade visual do Porto.

A centralidade desta tipologia no âmbito da ação do Banco de Materiais tem sido reconhecida, tendo o trabalho desenvolvido sido distinguido com dois prémios do Projeto SOS Azulejo (2009 e 2011) e selecionado como estudo de caso no catálogo Eurocities Culture (2015), dedicado à identificação de boas práticas culturais em contexto urbano europeu.

Para além da sua dimensão pública e expositiva, a função primordial do Banco reside na salvaguarda dos materiais originais integrados no edificado histórico da cidade. Neste sentido, o serviço desenvolve uma ação contínua de articulação com os serviços municipais de gestão

urbanística e com os proprietários e munícipes, promovendo a sensibilização para a importância da preservação dos elementos caracterizadores da arquitetura local. Esta atuação contribui de forma significativa para a qualificação dos processos de reabilitação urbana e para a conservação informada do património arquitetónico.

A inventariação e catalogação sistemática dos materiais constituem eixos estruturantes da atividade do Banco de Materiais, permitindo aprofundar o conhecimento sobre o património existente, quer no contexto urbano, quer no acervo sob a sua guarda. Estes processos asseguram uma gestão eficaz das existências, facilitam a sua reutilização em contextos adequados e promovem a produção de conhecimento sobre a arquitetura portuense.

Ao longo da sua atividade, o Banco de Materiais reuniu um conjunto expressivo de peças salvaguardadas, muitas das quais foram

preservadas ou reintegradas nos seus contextos arquitetónicos de origem. Este trabalho tem contribuído de forma decisiva para a manutenção e valorização do património cultural da cidade, evidenciando a importância de estratégias de salvaguarda que conciliem conservação, reutilização e gestão sustentável dos recursos patrimoniais.

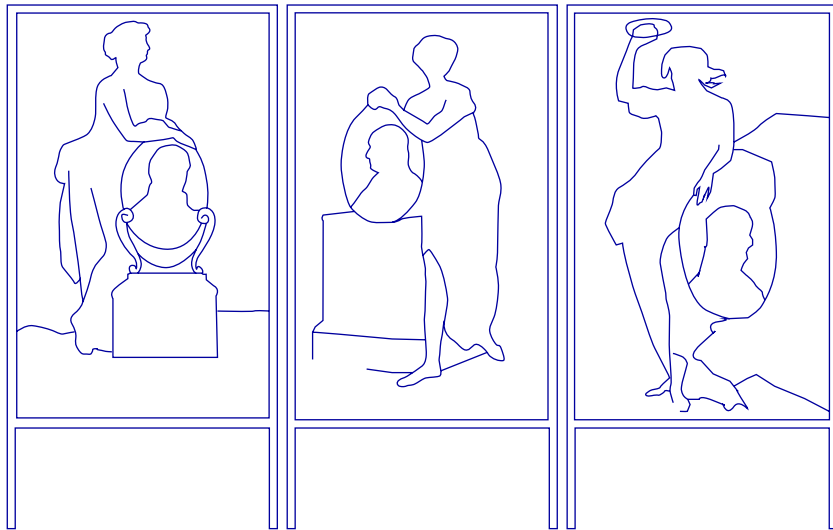
Num contexto contemporâneo marcado pela crescente centralidade das questões da sustentabilidade, o Banco de Materiais assume, igualmente, relevância enquanto instrumento de promoção da economia circular aplicada ao património construído. A recuperação e reutilização de materiais contribuem para a redução do desperdício, para a valorização de recursos existentes e para a criação de valor ambiental, cultural e económico, articulando políticas de preservação patrimonial com princípios de sustentabilidade urbana.

Mais recentemente, o Banco de Materiais beneficiou do apoio do Programa Norte 2030 – Rotas do Norte, através da aprovação da operação designada «Salvaguarda e Valorização do Azulejo no Porto». Este projeto integra um conjunto articulado de ações de natureza material e imaterial, orientadas para a proteção, valorização e divulgação do património azulejar da cidade, com especial incidência na sua dimensão religiosa. Estão previstas intervenções de conservação e restauro em imóveis classificados, designadamente na Capela das Almas, na Igreja de Santo Ildefonso e na Igreja Paroquial de Campanhã, bem como a realização do levantamento e caracterização sistemática do património azulejar do Porto.

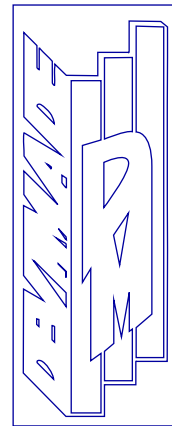
Neste enquadramento, o Banco de Materiais afirma-se como um caso de estudo relevante no âmbito das políticas de salvaguarda do património arquitetónico urbano, demonstrando o potencial de modelos de gestão baseados na reutilização

de materiais, na produção de conhecimento e na articulação entre conservação patrimonial, sustentabilidade e desenvolvimento urbano.

HALL DE ENTRADA
DO PALACETE



1.



2.

1. Três painéis figurativos, 1852
João Baptista Ribeiro
(1790-1868)

Produção: s.d.

Incorporação: 1971

Proveniência: Rua da Alegria,
n.º 347, e Rua Bela da Princesa, n.º 336, Porto
Acervo do Museu do Porto - Col. Banco de Materiais

Painéis de azulejos removidos, em 1971, da fachada sul do edifício situado numa propriedade com frentes para a Rua da Alegria, n.º 347, e para a Rua Bela da Princesa, n.º 336, (atual Rua de Santa Catarina). O edifício, hoje desaparecido, foi residência de João Baptista Ribeiro, onde também funcionou a sua oficina litográfica, responsável pelos primeiros trabalhos dessa arte realizados no Porto.

Cada painel representa uma figura alegórica feminina, em escala natural, apoiada sobre um medalhão, que contém, respetivamente, as efígies de Francisco Vieira (Vieira Portuense), Domingos António de Sequeira e José Teixeira Barreto, destacados pintores do século XIX e mestres de João Baptista Ribeiro na Aula de Desenho.

2. Reclamo “DEVIMADE DM”, séc. XX, anos 90
Néon publicitário da empresa
Derivados de Madeira Lda.

Produção: s.d.

Incorporação: julho de 2024

Proveniência: Recolhido no edifício da Rua de
S. Roque da Lameira, n.º 2357, Porto
Acervo do Museu do Porto - Col. Banco de Materiais

Reclamo luminoso que, para além de identificar uma marca, expressa a ideia de modernidade do seu tempo.

SALA VERMELHA
O AZULEJO NO PORTO:
MATÉRIA, IMAGEM E IDENTIDADE

O azulejo constituiu um dos mais significativos suportes materiais da cultura visual da arquitetura portuguesa, assumindo um papel fundamental na configuração dos espaços edificados e na construção das identidades coletivas. A sua presença contínua ao longo de mais de cinco séculos permite compreender a evolução das técnicas de produção, dos estilos decorativos e dos contextos sociais e culturais a que esteve associado.

No contexto nacional e de forma particularmente expressiva na cidade do Porto, o azulejo é um elemento estruturante da paisagem urbana, contribuindo decisivamente para a

definição da sua imagem e memória arquitetónica e da sua identidade visual. Fachadas, interiores religiosos e civis e equipamentos públicos testemunham a centralidade deste material enquanto revestimento, ornamento e veículo narrativo.

A introdução do azulejo em Portugal inscreve-se na herança da tradição islâmica, veiculada para a Península Ibérica a partir do Norte de África e difundida pelos principais centros hispânicos, com especial incidência na Andaluzia, a partir do século XV. O acervo do Banco de Materiais preserva um conjunto significativo desta produção inicial, caracterizada por padrões geométricos e vegetalistas, executados segundo técnicas como a corda seca e a aresta, nas quais a separação cromática é assegurada por linhas de manganês ou por relevos moldados. Esta matriz estética manteve-se como referência ao longo de vários séculos, como se

observa, por exemplo, no edifício da Rua de José Falcão, n.º 199 no Porto, construído em 1900, para depósito de vendas da Fábrica de Cerâmica das Devesas.

No início do século XVI, a introdução da técnica da majólica desenvolvida em Itália e difundida na Península Ibérica por Francesco Nicoloso, constituiu um momento decisivo na história da azulejaria portuguesa. A pintura direta sobre esmalte branco permitiu uma ampliação significativa das possibilidades figurativas e narrativas, favorecendo a afirmação do azulejo enquanto suporte artístico autónomo.

A partir do século XVII, consolida-se a produção nacional, marcada pela disseminação de padrões seriados e pela execução de painéis figurativos destinados a edifícios religiosos e civis. No Porto, o painel da Sagrada Custódia (1680), localizado no coro alto do Convento de Santa Clara, constitui um testemunho relevante

da função simbólica, catequética e decorativa do azulejo no espaço sacro.

Deste período, a exposição *Fragmentos da Cidade em Conta Corrente* apresenta diversos padrões avulsos e fragmentos figurativos, remanescentes das recolhas realizadas por Rocha Peixoto, entre 1896 e 1905, em edifícios conventuais do Porto e seus arredores. Da mesma proveniência são, também, os trinta e três painéis que se encontravam aplicados no edifício da Biblioteca Pública Municipal do Porto, desde o período que este albergou o Museu Municipal da cidade, e que foram recentemente removidos e conservados, visando a sua posterior devolução ao espaço requalificado.

O século XVIII corresponde a um dos momentos de maior afirmação da azulejaria portuguesa com a generalização de grandes conjuntos de azulejos historiados, predominantemente em azul e branco, inspirados

na gravura europeia e na porcelana oriental, frequentemente articulados com a talha dourada barroca. Na Sé do Porto conserva-se um vasto conjunto de painéis barroco-joaninos, executados em Lisboa entre 1719 e 1738, e assentados durante o período da *Sede Vacante*, segundo desenhos atribuídos a Valentim de Almeida e António Vital Rifarto. Na segunda metade do século, durante o período pombalino, observa-se uma maior regularização formal e decorativa, com cenas em azul e branco enquadradas por cercaduras polícromas de grande riqueza ornamental, como exemplifica o painel n.º 17 presente nesta exposição.

É, contudo, na segunda metade do século XIX que o azulejo se impõe de forma decisiva na paisagem urbana do Porto. O crescimento demográfico e a industrialização favoreceram a instalação e modernização de importantes unidades fabris, como Massarelos (1763), Miragaia (1775), Carvalhinho (1840) e Devesas (1865).

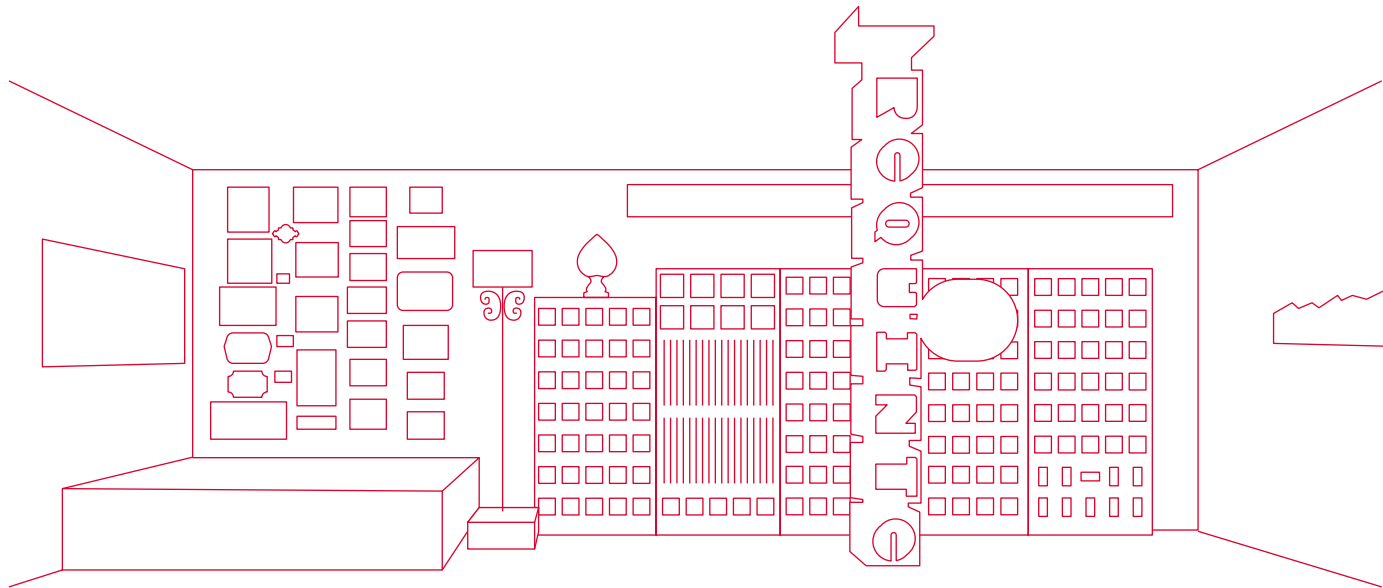
Para além da produção em série de azulejos de revestimento, estas fábricas desenvolveram um vasto repertório de elementos cerâmicos destinados à ornamentação arquitetónica, incluindo figuras escultóricas (como exemplo as peças n.ºs 164 e 165, *Mercúrio e Primavera*), pinhas (n.º 14), vasos, urnas, taças, balaústres e telhas de beiral (n.º 21). Estes elementos desempenham um papel fundamental no revestimento e remate das fachadas, conferindo unidade visual, ritmo compositivo e identidade cromática ao tecido urbano. Técnicas como a pintura manual, a estampilha e o azulejo em relevo — muito característico da produção local —, tornaram-se marcas distintivas do Porto oitocentista, contribuindo para a projeção internacional da cerâmica do Norte, nomeadamente no contexto brasileiro.

Ao longo do século XX, o azulejo manteve a sua centralidade na construção da imagem

urbana do Porto, oscilando entre a recuperação de modelos historicistas — como se observa no programa decorativo da Estação de São Bento e nas frontarias das Igrejas de Santo Ildefonso e dos Congregados, da autoria de Jorge Colaço; na Igreja do Carmo, de Carlos Branco, segundo desenho de Silvestre Silvestri; e da Capela das Almas, de Eduardo Leite — e a incorporação de novas linguagens artísticas, patente na obra cerâmica de autores como Júlio Resende, Jorge Barradas e Eduardo Nery, entre outros.

A forte presença do azulejo na arquitetura portuense reflete-se, igualmente, no acervo do Banco de Materiais, que conserva um conjunto diversificado de padrões, painéis, elementos decorativos e fragmentos arquitetónicos provenientes de diferentes momentos da história urbana. Esta exposição propõe, assim, uma leitura do azulejo como matéria arquitetónica, imagem simbólica e património vivo, destacando

o papel do Banco de Materiais na preservação e valorização da identidade azulejar do Porto.



3. Azulejos de figura avulsa, 1888

Produção: s.d.

Incorporação: 1987

Proveniência: Edifício da Rua do Freixo n.ºs 533-539, Porto, antiga residência de José António Ribeiro
Acervo do Museu do Porto - Col. Banco de Materiais

Azulejos de figura avulsa, destacando personagens populares e históricas, nomeadamente D. Miguel e D. Pedro IV, figuras centrais das lutas liberais. A composição de motivos avulsos é enquadrada por uma cercadura formada com módulo de pavão e elementos vegetalistas, compondo uma grinalda contínua, evidenciando influência da azulejaria dos Países Baixos.

Estes azulejos integram, desde 1977, um conjunto inventariado pela Secretaria de Estado da Cultura. A cartela

em cerâmica “Flor de Campanhã” e outra, datada de 1888, fazem parte do mesmo programa decorativo.

4. Painel de azulejos de registo religioso – “S. Cristovão”, 1939 Francisco Luís Pereira (1891-1961)

Produção: Fábrica do Outeiro, Águeda

Incorporação: Maio de 2024

Proveniência: Oferta de particular
Acervo do Museu do Porto - Col. Banco de Materiais

Painel de azulejos assinado e datado, executado em pó de pedra com pintura manual, constituindo um bom exemplar da azulejaria dita de ‘registo religioso’, da autoria de Francisco Luís Pereira (1891-1961). A composição é alusiva a S. Cristóvão, aqui representado de pé, segurando o cajado e transportando o Menino Jesus aos ombros, enquanto

atravessa um rio. O Menino segura o mundo nas pontas dos dedos, símbolo do poder universal.

A cena ilustra a lenda hagiográfica de S. Cristovão, santo martirizado a 25 de julho de 951, em Lykien (Lícia, atual Riviera Turca), venerado como padroeiro dos barqueiros, peregrinos, viajantes e, mais tarde, dos motoristas.

5. Painel de azulejos de registo religioso – “St.º António”, séc. XX

Produção: Fábrica do Cavaco, Vila Nova de Gaia

Incorporação: 2024

Proveniência: Edifício da Rua Monte da Luz, n.ºs 44-50, Porto
Acervo do Museu do Porto - Col. Banco de Materiais

Santo António segura o Menino Jesus ao colo. Cena em azul e branco, enquadrada

por moldura policroma de inspiração clássica e cartela com a legenda *St.º António*.

Este tipo de painéis de azulejo com representações de santos é frequentemente aplicado nas fachadas de casas, quintas, palacetes e edifícios religiosos da cidade. Para além do seu valor artístico, estes registos assumem uma função simbólica de proteção do espaço onde se inserem, sendo também objeto de forte devoção popular.

6. Painel “Banheira/S. João da Foz”, séc. XX

Produção: s.d.

Incorporação: Abril de 2022

Proveniência: Oferta de particular
Acervo do Museu do Porto -
Col. Banco de Materiais

Azulejos figurativos a partir de cópia de litografia da Casa Nascimento Editora,

assinada “Macedo”. Representa uma figura feminina, mulher robusta e vigorosa, dedicada ao ofício de dar banhos de mar, durante longas horas, na praia de S. João da Foz do Douro – atividade, à época, exercida quase exclusivamente por homens. Alberto Pimentel e Ramalho Ortigão destacam a força, o traje e a fisionomia expressiva destas mulheres, em particular Anna da Luz, cuja presença marcante permanece na memória coletiva.

7. Painel “Camponez - Estremadura”, séc. XX

Produção: s.d.

Incorporação: Abril de 2022

Proveniência: Oferta de particular
Acervo do Museu do Porto -
Col. Banco de Materiais

Camponês com traje tradicional festivo da Estremadura, representado em

atitude de marcha, transportando um cesto com produtos agrícolas. As afinidades estilísticas, cromáticas e compositivas indicam a possível integração deste painel num conjunto mais amplo, no qual se inclui o painel “banheira”, ou a sua derivação de um repertório visual comum destinado à decoração de interiores.

8. Painel de azulejos de registo religioso - “Santo António a pregar aos peixes”, séc. XVII, [meados]

Produção: Porto (?)

Incorporação: C.M.P/ Museu
Municipal do Porto

Proveniência: s.d.
Acervo do Museu do Porto -
Col. Banco de Materiais

Painel de azulejos de carácter popular, marcado por um desenho ingénuo, traço

azul grosso e execução pictórica simples. Pintura policroma, que evidencia uma expressão formal espontânea, típica tradição azulejar popular.

Representa o episódio em que Santo António, ao não ser ouvido pelos homens, prega aos peixes, que se aproximam da margem, simbolizando o poder da palavra divina e a obediência da natureza à fé.

9. Painel de azulejos figurativo albarrada, séc. XX Pintura manual

**Produção: Fábrica de Sacavém
Incorporado: Junho de 2023
Proveniência: Recolhido do edifício demolido na Rua de Camões, n.ºs 394-402, Porto
Acervo do Museu do Porto - Col. Banco de Materiais**

Composição decorativa centrada num jarrão de asas com rosas, retomando

a tipologia iconográfica da albarrada, característica da azulejaria portuguesa do século XVIII. A estilização dos motivos florais e o tratamento linear do desenho evidenciam uma interpretação contemporânea, inspirada no vocabulário gráfico de Charles Rennie Mackintosh (1868–1928), arquiteto e designer escocês, que se distinguiu pela síntese entre naturalismo e abstração geométrica.

10. Painel figurativo, 1922

**Produção: Fábrica de Sacavém
Incorporação: Fevereiro de 2013
Proveniência: Conjunto de moradias demolidas na Rua Cinco de Outubro, n.ºs 527-583, Porto
Acervo do Museu do Porto - Col. Banco de Materiais**

Painel de azulejos policromos, de composição simétrica e estilizada, realçando motivos florais e arabescos

sinuosos que expressam a estética orgânica e decorativa do movimento Arte Nova.

**11. Painel mural cerâmico, 1985
Escultor José Rodrigues e
Pintor Henrique Silva**

**Produção: Executado nas oficinas da “Cooperativa Árvore”
Incorporação: 2018
Proveniência: Recolhido do edifício da Rua de S. Dinis, n.º 249, Porto
Acervo do Museu do Porto - Col. Banco de Materiais**

Concebido para a exposição *E... Viva a Limpeza! O Testemunho do Porto ao Longo dos Tempos*, realizada no Mercado Ferreira Borges, em 1985, o painel foi, posteriormente, integrado na sala de convívio dos trabalhadores da Limpeza Urbana, na Rua de S. Dinis, n.º 249, de

onde foi recolhido para o Banco de Materiais, em 2018.

Representa a silhueta urbana da Ribeira do Porto através de volumes geométricos, rostos em relevo e elementos simbólicos, evocando uma cidade suspensa entre a vigília e o sono.

12. Friso decorativo, 1926 [cerca]

Produção: Atribuído à Fábrica do Carvalhinho, Porto

Incorporação: s.d.

Proveniência: Edifício da Rua do Almirante Leote do Rego, n.º 274, demolido em 2003, Porto

Acervo do Museu do Porto - Col. Banco de Materiais

Friso decorativo de remate arquitetónico, de composição contínua, com motivos zoomórficos fantásticos, cartelas e elementos vegetalistas, integrando

a produção revivalista da azulejaria portuguesa do início do século XX.

13. Estantes com azulejos da reserva museológica, séc. XIX/XX

Produção: s.d.

Incorporação: s.d.

Proveniência: Diversa

Acervo do Museu do Porto - Col. Banco de Materiais

Exemplares de azulejos integrados na reserva museológica do Banco de Materiais, abrangendo distintas cronologias, técnicas de fabrico e contextos de proveniências.

14. Pinha em cerâmica, séc. XIX/XX

Produção: Fábrica das Devesas, Vila Nova de Gaia

Incorporação: s.d.

Proveniência: s.d.

Acervo do Museu do Porto - Col. Banco de Materiais

Pinha em faiança branca com fingido de marmoreado. Elemento decorativo amplamente utilizado a partir da segunda metade do século XIX, aplicado no coroamento de edifícios ou na ornamentação de muros e jardins. Para além da sua função estética, a pinha detém um valor simbólico tradicional, associado à prosperidade, fertilidade e proteção.

Apresenta a inscrição: “EA de CERAMICA das DEVEZAS de A. A. da Costa & C. A”.

15. Placas toponímicas e números de polícia, séc. XX

Produção: s.d.

Incorporação: Entre 2004-2006

Proveniência: Espaço público

**Acervo do Museu do Porto -
Col. Banco de Materiais**

Conjunto de placas toponímicas da Cidade do Porto, executadas em diversos materiais — mármore, cerâmica, ferro e chapa de ferro pintada e esmaltada —, representativas de diferentes períodos da evolução urbana e administrativa da cidade. Estes elementos, onde se integram alguns números de porta ou números de polícia, refletem sucessivas opções estéticas, técnicas e normativas na identificação do espaço público portuense, estando associadas a oficinas e fábricas de produção local, nomeadamente Minchin, Costa Braga & Filhos e Fernandes & Irmão.

As peças foram recolhidas da via pública entre 2004 e 2006, no contexto de intervenções de renovação e normalização da toponímia urbana, tendo sido substituídas por novos exemplares.

16. Expositor

- a) Azulejos Hispano-Mouriscos,
séc. XVI
Técnica de corda seca e aresta

Produção: Sevilha (?)

Incorporação: s.d.

Proveniência: Museu Municipal
do Porto

**Acervo do Museu do Porto -
Col. Banco de Materiais**

- b) Composição de Caixilhos
Compósitos, séc. XVII
[1.º quartel]
Combinação de peças da
composição enxaquetada
Padrão de ornatos de 2 x 2
azulejos em majólica

Produção: s.d.

Incorporação: s.d.

Proveniência: Convento de Santa
Clara, Porto

**Acervo do Museu do Porto -
Col. Banco de Materiais**

- c) Azulejos, séc. XVII
Motivos de querubins
Maçarocas e cercadura de
renda e acantos

Produção: s.d.

Incorporação: s.d.

Proveniência: Museu Municipal
do Porto

**Acervo do Museu do Porto -
Col. Banco de Materiais**

- d) Azulejos de figura avulsa,
séc. XVIII

Produção: s.d.

Incorporação: s.d.

Proveniência: Mosteiro de S. Bento
de Avé-Maria, Porto

**Acervo do Museu do Porto -
Col. Banco de Materiais**

e) Padrões de azulejos,
séc. XIX/XX
e estampilhas de papel encerado

Produção: Fábrica de Cerâmica das
Devesas, Vila Nova de Gaia

Incorporação: s.d.

Proveniência: s.d.

Acervo do Museu do Porto -
Col. Banco de Materiais

f) Molde para fabrico de azulejo
relevado de padrão *Camélia*,
séc. XIX/XX
Barro refratário

Produção: Fábrica Cerâmica das
Devesas, Vila Nova de Gaia

Incorporação: s.d.

Proveniência: s.d.

Acervo do Museu do Porto -
Col. Banco de Materiais

g) Azulejos em relevo,
séc. XIX/XX

Produção: Fábrica de Louça de
Massarelos, Porto e Fábrica de
Cerâmica das Devesas,

Vila Nova de Gaia

Incorporação: s.d.

Proveniência: s.d.

Acervo do Museu do Porto -
Col. Banco de Materiais

h) Azulejos de cercadura
e de padrão, séc. XIX/XX
Técnica da estampagem mecânica
ou decalcomania

Produção: Fábrica Valente
& Filhos, Vila Nova de Gaia

Incorporação: s.d.

Proveniência: s.d.

Acervo do Museu do Porto -
Col. Banco de Materiais

i) Azulejos retangulares
biselados, séc. XIX/XX

Produção: Fábricas do
Carvalhinho, Cavaco e Devesas,
Vila Nova de Gaia e Fábrica

Lusitânia

Incorporação: s.d.

Proveniência: s.d.

Acervo do Museu do Porto -
Col. Banco de Materiais

17. Painel historiado pombalino
(rococó), séc. XVIII,
[c. 1776/1780]

Produção: s.d.

Incorporação: s.d.

Proveniência: Edifício demolido no
Largo do Corpo da Guarda, Porto
Acervo do Museu do Porto -
Col. Banco de Materiais

Paisagem figurativa em azul e branco,

enquadrada por cercadura policroma, de recorte assimétrico, decorada com concheados, “assas de morcego” e motivos fitomórficos, sobre fundo marmoreado.

18. Painel publicitário - “MADEIRAS E MATERIAES”, séc. XX [meados]

Produção: s.d.

Incorporação: s.d.

**Proveniência: Oferta de particular
Acervo do Museu do Porto -
Col. Banco de Materiais**

Painel de azulejos com registo publicitário, apresentando a inscrição “Madeiras e Materiaes” em azul sobre fundo branco, delimitada por contorno simples, também em azul. A composição, de caráter tipográfico, exemplifica a utilização da azulejaria como meio de comunicação comercial em fachadas urbanas, refletindo práticas

publicitárias através do azulejo, em voga desde finais do século XIX.

19. Estantes com azulejos da reserva museológica, séc. XV a séc. XVIII

Produção: s.d.

Incorporação: s.d.

Proveniência: Diversa

**Acervo do Museu do Porto -
Col. Banco de Materiais**

Exemplares de azulejos integrados na reserva museológica do Banco de Materiais, abrangendo distintas cronologias, técnicas de fabrico e contextos de proveniências.

20. Placas toponímicas em azulejo, s.d.

**Produção: Fábrica Sant’Anna, Lisboa
Incorporação: s.d.**

Proveniência: Espaço público do Porto

**Acervo do Museu do Porto -
Col. Banco de Materiais**

Exemplares de toponímia em azulejo com suporte metálico, utilizados na identificação de arruamentos e largos, desempenhando funções de sinalização urbana e de valorização estética do espaço público.

21. Telhas de beiral, séc. XIX/XX

Produção: Fábrica de Cerâmica das Devesas, Vila Nova de Gaia

Incorporação: s.d.

**Proveniência: Edifícios do Porto
Acervo do Museu do Porto -
Col. Banco de Materiais**

Calões e cobertos vidrados em faiança, com ornamentação floral a branco sobre fundo azul, destinados

a serem apreciados sob os beirais dos edifícios, refletindo o gosto romântico característico da época.

22. Mosaicos de pavimento, séc. XIX e XX

Produção: s.d.

Incorporação: s.d.

Proveniência: Espaços domésticos,
comerciais e institucionais do Porto
**Acervo do Museu do Porto -
Col. Banco de Materiais**

Amostragem de mosaicos de pavimento cerâmico e hidráulico amplamente utilizados em espaços domésticos, comerciais e institucionais do Porto, destacando-se os hidráulicos pela técnica baseada na prensagem de argamassas pigmentadas, riqueza cromática e diversidade ornamental.

23. Vídeo

24. Tabuleta publicitária em chapa de ferro, séc. XX [meados]

Produção: s.d.

Incorporação: 2012

Proveniência: Fachada do edifício
da Rua dos Caldeireiros n.º 136,
oferta de particular
**Acervo do Museu do Porto -
Col. Banco de Materiais**

Reclamo de cariz popular, materializado numa tabuleta ilustrada com a imagem de mulher nua, parcialmente envolta por cintas, destinada a evidenciar a função e os efeitos dos produtos anunciados. A peça publicitária promovia a antiga Casa das Cintas e Próteses, situada na Rua dos Caldeireiros, n.º 136, Porto, recorrendo a uma representação feminina típica da publicidade da época para simbolizar a correção e o suporte proporcionados pelos artigos comercializados.

25. Painel publicitário - “OLIVA/MÁQUINA DE COSTURA DE PORTUGAL”, séc. XX, [décadas de 60-70]

Produção: Fábrica Aleluia, Aveiro

Incorporação: Outubro de 2017

Proveniência: Recolhido da
empena do edifício da Rua
do Loureiro, n.ºs 30-32, e
Avenida de D. Afonso Henriques,
Porto

**Acervo do Museu do Porto -
Col. Banco de Materiais**

Painel em faiança, exemplar raro da azulejaria dita “publicitária”, alusivo à reconhecida máquina de costura Oliva, produzida a partir de 1948, na empresa fundada por António José Pinto de Oliveira, em São João da Madeira.

A composição apresenta a legenda “Oliva/máquina de costura de Portugal”, e inclui uma sequência

de nove figuras femininas, vestindo trajes regionais de algumas das antigas províncias continentais portuguesas, da ilha da Madeira e de África. Estas figuras poderão ter sido inspiradas nos bilhetes-postais editados em 1957, pela Oliva, da autoria da ilustradora Laura Costa (1910–1922).

**26. Reclamo publicitário
“REQUINTE”, séc. XX,
[2.ª metade]**

Produção: s.d.

Incorporado: 26 de julho de 2018

**Proveniência: Casa comercial na Rua de Sá da Bandeira, n.º 350, Porto
Acervo do Museu do Porto -
Col. Banco de Materiais**

Reclamo publicitário em néon, de tipologia monobloco, com a designação “REQUINTE”, proveniente de uma antiga casa comercial dedicada à venda de

carteiras, localizada na fachada do Mercado do Bolhão, na Rua de Sá da Bandeira, n.º 350. Foi recolhido no contexto da intervenção de renovação urbana daquele equipamento comercial, tendo sido sujeito a desmontagem e subsequente incorporação no Banco de Materiais.

Integra a tipologia de publicidade luminosa em néon, amplamente difundida nas décadas de 60, 70 e 80 do século XX, associada aos processos de modernização e sofisticação do comércio urbano e à requalificação estética do espaço público.

SALA AZUL A ARTE DO ESTUQUE DECORATIVO NO PORTO

A utilização do estuque na arquitetura do Norte de Portugal foi condicionada pela natureza granítica do território e pela escassez de matérias-primas, como o gesso e a pedra calcária. Durante séculos, estas limitações favoreceram o predomínio de soluções em madeira nos interiores, como os tetos de caixotões e de tabuado. Ainda assim, a partir do século XVIII, o Porto integrou progressivamente o estuque na sua arquitetura interior, impulsionado pela circulação de modelos artísticos europeus e pela presença de mestres estrangeiros, sobretudo de origem italiana, entre os quais se destacam Nicolau Nasoni e Luigi Chiari.

A intervenção destes estucadores foi decisiva para a afirmação do estuque como

linguagem artística autónoma, introduzindo novos repertórios ornamentais e um elevado domínio técnico e escultórico. Exemplos notáveis desta produção encontram-se em edifícios como o Palácio do Freixo, a Igreja da Misericórdia do Porto, a Venerável Ordem Terceira de São Francisco e o Paço Episcopal do Porto.

No final do século XVIII, o período neoclássico trouxe ao Porto uma importante influência inglesa, visível na decoração da Feitoria Inglesa e associada ao chamado *Adam Style*. Caracterizada por composições elegantes e motivos clássicos estilizados, esta linguagem decorativa foi adaptada às técnicas e materiais locais, originando soluções híbridas, que reforçaram a identidade própria do estuque portuense. Um exemplo paradigmático desta influência é o Palácio dos Carrancas, cuja construção se iniciou a partir de 1795.

Ao longo do século XX, apesar das

transformações introduzidas pela arquitetura moderna, o estuque manteve um papel relevante na cidade, graças à continuidade de oficinas especializadas. Destacam-se as Oficinas Meira e Baganha, responsáveis pela execução, renovação e preservação de estuques em numerosos edifícios públicos e privados.

Hoje, o estuque portuense constitui um patrimônio artístico e cultural de grande valor, testemunho de práticas artesanais e de modos de vida que se encontram ameaçados. A sua preservação é essencial para a compreensão da história dos interiores e da identidade arquitetónica da cidade.



Originários de Afife, no concelho de Viana do Castelo, os Meira afirmaram-se como uma das mais relevantes e prestigiadas famílias de estucadores portugueses. Distinguiram-se pela excelência técnica, pela qualidade artística e pela diversidade formal da sua produção, desenvolvida sobretudo na cidade do Porto, mas com expressão em vários pontos do país. Entre o final do século XIX e grande parte do século XX, a sua atividade marcou, de forma decisiva, a decoração interior de edifícios públicos e privados. A denominada “Escola de Afife”, de que os Meira foram protagonistas, tornou-se uma referência incontornável na arte do estuque em Portugal, consolidando um vocabulário decorativo próprio, simultaneamente erudito e adaptável às linguagens estéticas do seu tempo.

No seio desta família destacaram-se várias figuras de reconhecido mérito, cujas trajetórias individuais contribuíram para a afirmação coletiva da obra dos Meira. Domingos António Meira (1840–1928), considerado o expoente máximo da “Escola de Afife”, realizou trabalhos de grande notoriedade em palácios e hotéis de elevado prestígio, sobretudo no sul do país, tendo o seu talento sido oficialmente reconhecido com uma condecoração atribuída por D. Fernando II. António Pinto Meira (1847–1904) destacou-se como estucador e notável imitador de mármore, enquanto o seu irmão, José Pinto Meira (1847–1900), desempenhou um papel fundamental como desenhador e modelador. Luís Pinto Meira (1849–1908), afirmou-se como artista de exceção na conceção de ornatos, sendo particularmente célebre a sua intervenção no Salão Árabe do Palácio da Bolsa, uma das obras mais emblemáticas da arte decorativa portuguesa.

A continuidade deste legado foi assegurada

por Avelino Ramos Meira (1874–1953), filho de Antônio Pinto Meira, que dirigiu a oficina instalada na Rua do Rosário, n.º 236, no Porto. Especializada na execução de estuques e pintura decorativa, esta oficina manteve uma atividade regular durante grande parte do século XX. Após a morte de Avelino Ramos Meira, em 1953, a oficina passou para o sobrinho, Avelino Meira Ramos, que assegurou a continuidade da atividade até 1999. Em 2001, o espólio foi entregue à Câmara Municipal do Porto, integrando o Banco de Materiais.

ENTRE MOLDES E ORNATOS

“Uma quase infinita multidão de formas nascidas na mente humana (...)”

Flórido de Vasconcelos

A presente amostragem resulta da recolha efetuada em 2001, quando ainda subsistiam

importantes testemunhos materiais da antiga oficina. O conjunto reúne 784 elementos em gesso, entre matrizes ou modelos e contramoldes, bem como 88 moldes de correr ou cêrceas, estes últimos utilizados na produção de molduras e sancas em obra. Constituídos por chapa metálica, com o perfil da moldura, e por tábua, disposta em ângulo reto, estes instrumentos permitiam ao estucador “correr” o gesso, revelando soluções engenhosas e de elevada complexidade técnica.

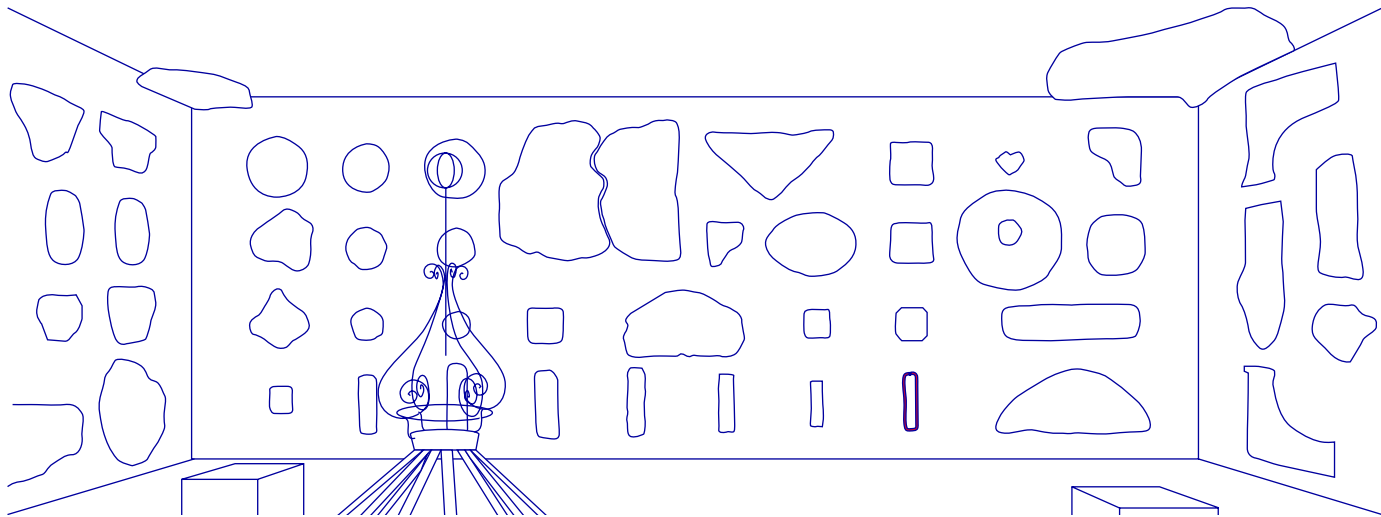
As peças integram a decoração de edifícios de elevado valor patrimonial, como a Casa Ramos Pinto, o Grande Hotel do Porto, o Banco de Portugal, o Banco Espírito Santo, o Mercado do Bolhão, o Palácio do Comércio e o Hotel Infante Sagres, em alguns casos em colaboração com a oficina congénere dos Baganha, confirmando a amplitude e a relevância da intervenção da Oficina Meira no tecido arquitetónico da cidade.

Do ponto de vista tipológico, a coleção evidencia uma ampla diversidade decorativa, destacando-se frisos e toros de inspiração clássica, com motivos como gregas, óvulos e dardos, heras, folhas de acanto, de loureiro e de carvalho. Integram igualmente outros elementos fitomórficos (flores e frutos), motivos figurativos e religiosos, alusões a instrumentos musicais, bem como peças do vocabulário arquitetónico — balaústres, cachorros, mísulas, consolas, capitéis e taças — maioritariamente de carácter decorativo e matriz clássica.

No seu conjunto, esta coleção testemunha a obra da Oficina Meira e a continuidade de uma tradição artesanal de base familiar, transmitida ao longo de várias gerações. A mestria técnica, a diversidade iconográfica e a capacidade de adaptação a diferentes estilos consolidaram uma estética decorativa distintamente portuguesa, consagrando o estuque como

uma das mais refinadas expressões das artes aplicadas nacionais.

SALA AZUL



MATRIZES DE ORNATOS EM ESTUQUE, séc. XX	N.º	Descrição		
Produção: Oficina e Estuque Avelino Ramos Meira Incorporação: Dezembro de 2001 Proveniência: Oferta de particular Acervo do Museu do Porto - Col. Banco de Materiais	1.	Gachorro com folhas de acanto	16.	Friso com folhagens e flores
	2.	Friso com pérolas, flor de lódão e acanto	17.	Friso de ondas
	3.	Friso com folhagens	18.	Friso com malmequeres estilizados
	4.	Friso com grinalda	19.	Friso curvo de óvulos e dardos
	5.	Sanca com meninos e coroa de flores	20.	Friso com motivos vegetalistas e vieira
	6.	Consola com anjo	21.	Capitel de pilastra com motivos de acantos, óvulos e dardos
	7.	Capitel de pilastra com acanto e óvulos	22.	Capitel jónico de pilastra com canelura
	8.	Faixa de padieira com ondas e acantos	23.	Capitel de pilastra com acanto
	9.	Almofada com heras	24.	Faixa com entrelaçado, roseta e carvalho
	10.	Friso de acanto	25.	Friso com florão
	11.	Friso de discos	26.	Ornato em forma de concha
	12.	Fecho com motivo vegetalista	27.	Fecho com pérolas e acantos
	13.	Medalhão com frutos e flores	28.	Fecho
	14-15.	Capitel de pilastra com folha de acanto e figura feminina	29.	Sobreporta com medalhão e motivos fitomórficos
			30.	Medalhão de teto com motivos fitomórficos

Os itens numerados de 1 a 89, de 105 a 122 e de 108 a 125, correspondem a matrizes ou modelos originais de ornatos em gesso estuque, destinados à moldagem e reprodução de réplicas, para posterior aplicação em intervenções construtivas e obras de caráter decorativo.

- | | | | | | |
|--------|--------------------------------------------------------------------------------|-----|--------------------------------------------------------------|-----|---------------------------------------------------------|
| 31. | Canto de teto de composição assimétrica, com óvulo, acantos, flores e palmetas | 46. | Centro oval com ave e apetrechos de caça | 60. | Friso de loureiro com entrelaço |
| 32. | Medalhão de inspiração Arte Nova (inverno) | 47. | Roseta com folhagens de acanto | 61. | Friso de loureiro |
| 33. | Centro de teto com acantos e pérolas | 48. | Centro com coroa de loureiro | 62. | Friso de folhas de carvalho e loureiro |
| 34. | Medalhão de inspiração Arte Nova (verão) | 49. | Rosetão com acanto | 63. | Friso de carvalho |
| 35-36. | Composição de teto com meninos | 50. | Ornato de teto | 64. | Friso com folhas de acanto e pérolas |
| 37. | Cantoneira com motivos vegetalistas | 51. | Roseta | 65. | Friso de loureiro com entrelaço |
| 38. | Roseta com folhas de acanto | 52. | Roseta | 66. | Frontão com elementos zoomórficos e vegetalistas |
| 39. | Canto de friso | 53. | Roseta quadrada com acanto e friso de pérolas | 67. | Cantoneira com cornucópia, frutos e folhas de acanto |
| 40. | Canto de moldura | 54. | Fecho com medalhão, volutas e grinalda de louros | 68. | Taça com frutos e flores |
| 41. | Canto de teto com medalhão e motivos vegetalistas | 55. | Roseta quadrada com folhagem de acanto | 69. | Medalhão com grinalda de louro |
| 42. | ¼ de centro de teto com pérolas e acantos | 56. | Roseta quadrada com folhagem de acanto | 70. | Composição de cesto com flores e grinalda de loureiro |
| 43. | Centro trilobado com acanto | 57. | Faixa reentrante com roseta, medalhão e motivos vegetalistas | 71. | Almofada com pérolas e remate de elementos fitomórficos |
| 44. | Roseta | 58. | Roseta com folhagem de acanto | | |
| 45. | Cantoneira com motivos vegetalistas | 59. | Friso com toro de loureiro | | |

- | | | | | | |
|---------|------------------------------------------------------------------|----------|----------------------------------------|------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 72. | Faixa com grinalda | 105. | Friso de loureiro | 126. | Instrumentos de trabalho do estucador: panela e concha metálica, teques de madeira e marfim para modelar e ganchetas para cortar ou marcar barro |
| 73. | Roseta com festão | 106. | Mísula com acanto | | |
| 74. | Consola com anjo | 107. | Travessa superior de janela em madeira | | |
| 75. | Consola com anjo | | | | |
| 76. | Grinalda | 108. | Remate com folha de acanto | | |
| 77. | Medalhão alusivo à música | 109. | Florão com pendente de acanto | | |
| 78. | Capitel jónico de pilastra | 110. | Mísula com acanto | | |
| 79. | Capitel compósito de coluna | 111. | Mísula com acanto e pérolas | | |
| 80. | Composição alusiva ao teatro | 112. | Friso de botões e flores | | |
| 81. | Composição alusiva à música | 113. | Travessa superior de janela em madeira | | |
| 82. | Grinalda com frutos | 114. | Coruchéu | | |
| 83. | Cantoneira com cornucópia, frutos e folhas de acanto | 115. | Roseta | | |
| 84. | Capitel compósito de pilastra | 116. | Friso de caneluras | | |
| 85. | Capitel jónico de pilastra | 117. | Friso com toro de louro e entrelace | | |
| 86. | Monograma «RP» | 118. | Friso com folha de acanto | | |
| 87. | Grinalda | 119. | Friso com acanto | | |
| 88. | Taça decorativa | 120. | Friso com tulipa | | |
| 89. | Vaso decorativo | 121. | Friso com toro de louro e entrelace | | |
| 90-104. | Moldes de correr o gesso ou cérceas, em madeira e chapa de zinco | 122. | Friso de denticulos | | |
| | | 123-125. | Três modelos de balaústres | | |

O FERRO NO PORTO — DO MONUMENTO AO DETALHE

Na arquitetura da cidade do Porto, o ferro assume um papel central na afirmação da modernidade e da inovação construtiva, coexistindo de forma harmoniosa com o granito, material identitário da cidade. A partir do século XIX, impulsionado pela Revolução Industrial, este material passou a ser amplamente utilizado, tanto nas grandes obras de engenharia como nos elementos integrados no edificado urbano. Este processo foi acompanhado pelo desenvolvimento de uma indústria de fundições no Porto, responsável pela produção de numerosos elementos arquitetónicos em ferro, frequentemente inspirados em modelos das fundições francesas, então referências internacionais na conceção e difusão deste material.

O uso do ferro atinge especial expressão nas grandes obras de engenharia, com destaque para as pontes sobre o rio Douro, verdadeiros ícones da cidade. A Ponte de D. Maria Pia (1877), projetada por Gustave Eiffel, e a Ponte Luís I (1886), da autoria de Théophile Seyrig, constituem exemplos maiores da aplicação do ferro enquanto estrutura resistente e audaz, simbolizando o progresso técnico e a capacidade criativa da engenharia do seu tempo. Estas infraestruturas não só transformaram a mobilidade urbana, como se tornaram elementos indissociáveis da identidade visual do Porto.

Outro marco relevante foi o antigo Palácio de Cristal, construído em 1865, cuja estrutura metálica refletia claramente a influência das exposições universais europeias. O uso do ferro permitiu a criação de amplos espaços interiores luminosos, evidenciando as potencialidades deste material na arquitetura monumental associada à

celebração do Progresso e da Indústria, como é também visível no Pátio das Nações do Palácio da Bolsa.

Para além destas obras de referência, o ferro está amplamente presente nos detalhes do quotidiano urbano, como candeeiros de iluminação pública, fontanários, frentes comerciais (*devantures*), portas e portões, gradeamentos de muros e varandas, claraboias e batentes de portas. Estes componentes, muitas vezes discretos, contribuem para a caracterização das fachadas e para a valorização do espaço urbano, constituindo testemunhos relevantes da aplicação do ferro como elemento construtivo e ornamental na arquitetura portuense.

Assim, dos grandes monumentos aos detalhes decorativos, o ferro afirma-se como um elemento caracterizador da arquitetura portuense, refletindo a articulação entre tradição e modernidade, que definem a cidade.

Espalhados pela cidade do Porto e frequentemente integrados em portas de madeira robusta, as aldrabas e os batentes em ferro constituem testemunhos de uma antiga tradição de forte valor simbólico, com raízes na antiguidade clássica. Para além da sua função utilitária, associada ao ato de anunciar a presença, estes acessórios assumem uma dimensão simbólica relevante, tradicionalmente relacionada com a proteção do lar e com a identidade dos seus proprietários.

As aldrabas e os batentes portuenses apresentam uma assinalável diversidade tipológica e formal, variando entre exemplares de desenhos simples e modelos de composição mais elaborada. A sua configuração reflete a época de produção, a linguagem arquitetónica do edifício e, em alguns casos, o estatuto social dos seus ocupantes. O trabalho do ferro revela, não apenas o saber

artesanal das oficinas locais, mas também a produção industrial que, sobretudo a partir da segunda metade do século XIX, contribuiu para a difusão de modelos seriados. Apesar dessa produção em maior escala, mantém-se um cuidado estético evidente nestes pequenos, mas significativos, elementos da arquitetura urbana.

Entre os modelos mais representativos destaca-se o batente em forma de mão, conhecido como mão de Fátima ou mão de França (n.ºs 150-156). A sua origem simbólica poderá relacionar-se com a tradição muçulmana, onde a mão aberta assume um valor protetor, ou com a difusão de modelos de proveniência francesa. Ainda hoje preservado em numerosas portas da cidade, este exemplar testemunha a continuidade de crenças, tradições e práticas culturais, integrando aldrabas e batentes no património material e simbólico do Porto e reforçando o valor do ferro enquanto suporte de significado histórico e cultural.

N.º	Descrição			40
127.	Elemento decorativo em ferro forjado			
128-132.	Argolas de andaime			
133.	Fecho de cremona, séc. XIX			
134+140.	Campainha em latão			
135-137.	Placas das Companhias de Seguros “Segurança” e “Bonança”, em ferro			
138-139.	Dobradiças em ferro			
141.	Gancho de escotilha			
142.	Puxador em ferro			
143.	Fechadura de porta em ferro			
144-146.	Aldrabas e batentes de porta			
147-149.	Batentes de porta			
150-156.	Batentes de porta em forma de mão			
157-160.	Frentes de caixa de correio em ferro e latão			
161-162.	Puxadores de porta em ferro			
		163. Claraboia de doze gomos, séc. XIX	incompleta, faltando-lhe o caduceu, símbolo do comércio.	
		Estrutura em ferro e vidro, de configuração radial, semelhante à de um guarda-chuva, destinada a iluminar naturalmente o interior do espaço.	165. Figura alegórica em faiança - Primavera, séc. XIX	
			Teixeira Lopes, Pai (1837-1918)	
			Produção: Fábrica de Cerâmica das Devesas, Vila Nova de Gaia	
			Incorporação: s.d.	
		164. Figura alegórica em faiança - Mercúrio, séc. XIX	Proveniência: Recolhida do edifício das Escadas do Codeçal, n.º 41, Porto, parcialmente demolido em 2011	
		Produção: Fábrica de Cerâmica das Devesas, Vila Nova de Gaia.	Acervo do Museu do Porto - Col. Banco de Materiais	
		Incorporação: s.d.		
		Proveniência: Recolhida de um edifício entretanto demolido		
		Acervo do Museu do Porto - Col. Banco de Materiais	Peça de cerâmica com acabamento fosco, de modelação muito cuidada, evidenciada no tratamento rendilhado dos panejamentos. Este tipo de figuras decorativas destinava-se à ornamentação e ao coroamento de frontarias de edifícios, muros e decoração de jardins.	
		Peça de cerâmica moldada, com acabamento de esmalte estanífero branco e vidrada, com marca de fabrico incisa na peanha, encontra-se		



MUNICÍPIO DO PORTO

Presidente da Câmara Municipal
do Porto
PEDRO DUARTE

Vereador do Pelouro da Cultura
e Património
JORGE SOBRADO

Diretora Municipal de Cultura
e Património, Diretora do Museu
e Bibliotecas do Porto
ALEXANDRA CERVEIRA LIMA

Diretor do Departamento
Municipal de Gestão do
Património Cultural
MIGUEL AREOSA RODRIGUES

Chefe da Divisão Municipal
de Museus
MARIANA JACOB TEIXEIRA

Chefe da Divisão Municipal
de Arquivo Histórico
DANIELA FERNANDES

Chefe da Divisão Municipal
de Bibliotecas
SÍLVIA MACEDO FARIA

Gabinete de Apoio à Programação
e Mediação
RITA LOBO GUIMARÃES

Gabinete de Apoio às Bibliotecas
e à Leitura
MARISA TEIXEIRA

Gabinete de Apoio à Gestão da
Coleção e Tratamento Técnico
Documental
CARLA AZEVEDO

Diretora do Departamento
Municipal de Comunicação
e Promoção
ISABEL MOREIRA DA SILVA

**EXPOSIÇÃO / EXHIBITION
17 DE ABRIL 2026**

Título

MUSEU DO PORTO
BANCO DE MATERIAIS:
FRAGMENTOS DA CIDADE
EM CONTA CORRENTE

Curadoria

MARIA AUGUSTA MARTINS
RITA ROQUE

Produção Executiva

CAROLINA BRITO

Textos

MARIA AUGUSTA MARTINS
RITA ROQUE

Revisão

ISABEL BABO

Comunicação

BRUNO PEREIRA
GEORGINA CARNEIRO
PATRÍCIA BRÁS

Contratação

ALEXANDRA AIRES
NATHALIA GALERA SILVA

Conservação e restauro
CLÁUDIA FRAGA

Design Gráfico
LUÍS CEPA

Desenho de Luz
STEVE FRANÇA
RAFAEL FERNANDES

Desenho Expositivo
RITA ROQUE

Implementação de Arquitetura
IVO POÇAS

Apoio montagem

JOÃO NÓBREGA
JÚLIO VIEIRA
PAULA LAGE
PAULO SOUSA
SOFIA CASTRO
VANESSA CARVALHO

Montagem

LÁPIS RADICAL

Carpintaria

LÁPIS RADICAL

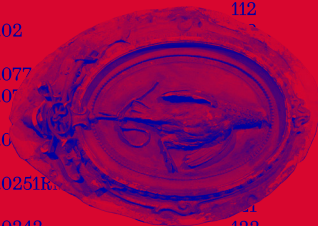
Aplicação Gráfica

OUTSIDE THE BOX

O Museu e Bibliotecas do Porto agradece a todos aqueles que colaboraram na realização deste projeto.

79
86
8
82
83
84
88
86
87
7
89
90
10
10
10
10
10
11
11

G.02
G.077
G.07
G.0
G
G.0251RM
G.0242
G.0239RM
G.0531RM
48RM
G.0336RM
G.0495RM
G.0355RM
G.0447RM
G.0495RM
G.0447RM



112
11
122
123
26
27
28
33
34
35
38
41
42
43
44

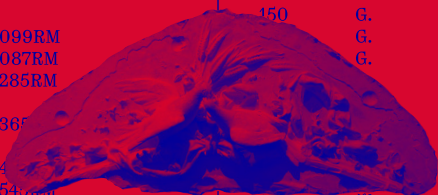


G.0
G.0099RM
G.0087RM
G.0285RM
G.0
G.0365
G.0
G.04
G.0545RM
G.034IRM
G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.



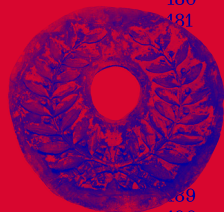
“A CERÂMICA DO NORTE”
F. AGUIAR & C.

14
150
169
170
171
178
179



G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.

180
181
189
190
191
192
199
200



G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.
G.

